

Carmelinda Pereira-Professora do 1º Ciclo (texto)

Que saberes, que competências lhe parecem necessários aos cidadãos do século XXI? Como conseguir promover uma educação orientada para esses fins com qualidade e equidade?

Pensar na formação e na qualificação das crianças e jovens de hoje obriga-nos a pensar na realidade em que vivemos e nos caminhos que se poderão perspectivar. É talvez por isso que é normal afirmar-se que um professor terá que ser um visionário. O salto fantástico conseguido pela inteligência humana, em termos das possibilidades de comunicar de forma instantânea com os outros, bem como o acesso imediato à informação, através dos novos sistemas cujo desenvolvimento é exponencial, obrigam a que o processo de ensino/aprendizagem tenha que sofrer inevitavelmente uma profunda reflexão. Poderemos imaginar que afectos e que sensibilidade se poderão desenvolver numa relação virtual? Como se constrói, na mente de uma criança, a representação do espaço e do tempo nestes contextos? Que realidade social, política económica e cultural estará a ser construída?

A este propósito, num documento da Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, com o título “Globalização das redes e comunicação: uma reflexão sobre as redes cognitivas e sociais”, Lúcia J. Oliveira Loureiro da Silva, da Universidade de Aveiro, questiona: “Que metamorfoses individuais e colectivas estará o homem a sofrer com a progressiva afirmação da globalização da comunicação?”

A vida, quer no trabalho quer fora dele, vai exigir saber viver com esta realidade. Quem não souber usá-la, arrisca a exclusão.

Preparar as jovens gerações para o futuro exige, então, um processo de formação na escola que pressupõe a aquisição de ferramentas para saber aceder à informação, sem se deixar cegar e saber usá-la sem ficar envenenado por ela, como dizia Isabel Alçada numa aula, na ESE de Lisboa, utilizando como exemplo para ilustrar a sua metáfora, os óculos e as luvas que o frade Guilherme usava no filme “O Nome da Rosa”, para poder tocar e ler os livros cujas folhas estavam impregnadas de veneno que cegava e matava quem lhes tocasse.

Precisamos de uma escola cada vez mais exigente, em termos de conteúdos disciplinares a todas as suas dimensões – das ciências à língua mãe e às línguas estrangeiras, da matemática e da música à literatura, da arte ao desenvolvimento da capacidade crítica e da aquisição de valores éticos.

A esta exigência, juntemos o mosaico de culturas, em virtude da mobilidade de milhares de trabalhadores, as diferenças sociais e as enormes dificuldades de muitas crianças e de adolescentes que chegam à escola marcados pelos dramas terríveis do meio familiar, a decomposição e a desorganização social. Como afirmou recentemente Michel Develey, num seminário, na Escola superior de Comunicação Social de Lisboa, “Quando a sociedade se constipa, a escola tosse”. E que tem a sociedade de hoje? Uma simples constipação, ou uma situação de regressão e de barbárie?

Procurar responder a esta diversidade de exigências implica uma pedagogia que, em vez de normalizar, vise desenvolver todas as potencialidades próprias de cada um – a pedagogia da mestria. A pedagogia que exige a adaptação do ensino às diferenças, meios diversificados, tempos flexíveis, uma avaliação formativa e somativa de

referência criterial. Que exige que o processo de ensino/aprendizagem esteja mergulhado num banho de cultura e de humanismo.

É esta escola com que se têm preocupado muitos teóricos das Ciências de Educação e humanistas.

Cito, como exemplo, Joaquim Patrício, quando afirma: “Escola é o lugar cultural onde (...) esta experiência de plena aprendizagem de ser homem pode e deve desenvolver-se. A Escola deve ser por conseguinte uma oficina de Humanidade. Pode sê-lo?”

Sim, a Escola pode ser este espaço de liberdade, de humanismo;”o espaço onde terá lugar primeiro a formação do Homem e só depois do trabalho”, citando Conceição Rôlo.

A realidade portuguesa, nos anos após a Revolução do 25 de Abril de 1974, ficou marcada por milhares de experiências feitas por equipas de professores que se empenharam na elaboração de projectos e na sua realização, partilhando saberes, dedicando horas sem fim a essa tarefa, com a convicção de que estavam a construir o futuro. Mais do que procurar o sucesso, eles trabalhavam para a realização pessoal e colectiva, trabalhavam para a felicidade.

Nos anos de trabalho – ao longo da minha vida como docente – eu testemunho esta afirmação, através das diferentes escolas por onde passei, escolas que me marcaram como pessoa e que, certamente, eu também ajudei a marcar.

A última onde trabalhei foi a escola de Algés, quer como professora envolvida numa turma, quer como directora, quer como dinamizadora das práticas de sedução para a leitura e para a escrita, entoadas nos planos curriculares das turmas e no plano de actividades da escola, a partir da sua Biblioteca/Centro de Recursos. Foi esta escola que Yehudi Menuhin chamou “L'école de mes rêves”, e na qual foi feito um esforço colectivo para pôr em prática o seu projecto MUS-E (Musas – Europa) – a música como fonte de equilíbrio e tolerância entre os povos, como ele defendeu e tentou praticar ao longo da sua vida.

Nesta prática para a mestria, para a construção de conhecimento, para a formação de gente curiosa e livre, não há lugar para a competitividade individual, nem sequer para a competitividade entre escolas. Há lugar sim para o impulso e a interacção, para a cooperação, para a necessidade de aprender mais, sempre mais.

Foi certamente porque houve milhares de práticas como esta, marcadas pela capacidade criadora, pelo entusiasmo, pela procura de um sentido para a vida dos pedaços de mundo que a sociedade confia a cada equipa pedagógica e a cada um dos seus membros – práticas que obviamente não foram perfeitas, mas onde o oportunismo não era dominante – que foi possível a criação da Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada em 1986. As reformas sistemáticas interromperam essas práticas.

Mas penso que será partindo de tudo o que de positivo os professores portugueses conseguiram, que se poderá encontrar um novo caminho para responder às

necessidades da população escolar de hoje.